

A FOTOGRAFIA DA CIDADE DE INHAMBUPE E SUAS MUTAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

Maria Aparecida Ramos de Lima (UNEB)

Orientador: Prof. Dr. Washington Luís Lima Drummond

Resumo: Este estudo pretende coletar, identificar e classificar um conjunto de imagens reproduzíveis da cidade para uma posterior análise. As leituras que serão construídas a partir das imagens fotográficas de lugares e ruas de Inhambupe serão variáveis quantas forem as possibilidades de coleta e análise do objeto de estudo. Dessa maneira se pretende desenvolver uma historiografia cultural, a fim de identificar em que medida a percepção e interpretação da imagem fotográfica de situações e ações ocorridas nos lugares e ruas da cidade de Inhambupe traduzem experiências do cotidiano. Para subsidiar esta investigação, foram necessárias reflexões teórico-críticas a partir de estudos sobre “literatura e fotografia de rua” desenvolvidos por Benjamin (1955), Breton, (1924), Verger (1990), Drummond (2013) e Fer (1998). A pesquisa, de âmbito qualitativo, será desenvolvida através de minucioso trabalho de análise e interpretação de fotografias. A coleta de dados se dará a partir do contato direto da pesquisadora com as pessoas que fornecerão as fotografias, objeto de nossa análise.

Palavras-chaves: Fotografia. Historiografia. Cidade. Contemporaneidade.

INTRODUÇÃO

A pesquisa pretende inserir-se nos estudos da linha 3, que trata de narrativas, testemunhos e modos de vida, do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Pretende-se desenvolver uma historiografia cultural utilizando-se imagens reproduzíveis, especificamente a fotografia, de situações ocorridas na contemporaneidade da cidade de Inhambupe.

A motivação deste estudo nasce a partir dos registros fotográficos observados desde a infância, o que aguçou a curiosidade pelas imagens reproduzíveis. A escolha por desenvolver este estudo se justifica também em parte à relação com a experiência profissional da pesquisadora, Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais e Especialista em Educação e Tecnologias da Comunicação e Informação, e como professora de Sociologia no ensino médio e “professora de tecnologia” no ensino fundamental.

O envolvimento permanente com diversas tecnologias me faz refletir sobre a importância da fotografia para a sociedade e como a construção de conhecimento pode contribuir para o compromisso da universidade de intervir de forma viva e dinâmica nas comunidades vizinhas à qual a UNEB, está inserida.

A pesquisadora faz parte da história que pretende estudar, primeiro porque nasceu e viveu na cidade de Inhambupe até início da fase adulta, quando o deixou para ir continuar os estudos e morar em outra cidade, depois porque seu pai teve influência direta na vida de muitas pessoas que residiram ou ainda residem na cidade, como fotógrafo profissional da década de 60 à década de 90.

Oficialmente Inhambupe teve sua emancipação política em 06 de agosto de 1896, pela Lei Estadual nº 134. "Inhambupê" é uma palavra proveniente da língua tupi, significando "no rio dos inhambus", através da junção de inã'bu, "inhambu", 'y , "água, rio" e pe, "em". "Bupe" eram assim chamados os nativos.

O município de Inhambupe localiza-se na zona fisiográfica do litoral norte do Estado da Bahia, localizado no Brasil. Segundo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Inhambupe possui área territorial de 1.222,578 km², encontra-se a 153 km de Salvador. A Estimativas do IBGE de população de Inhambupe para 2014, foi publicadas no D.O.U em 28 de agosto de 2014, que correspondia a 40.441 hab.

Neste estudo pretende-se desenvolver uma historiografia cultural a partir de imagens fotográficas reproduzíveis em suas mutações contemporâneas. A questão que perpassa por essa pesquisa é a seguinte: em que medida a percepção e interpretação da imagem fotográfica de situações e ações ocorridas nos lugares e ruas da cidade de Inhambupe traduzem experiências do cotidiano.

Os propósitos para o desenvolvimento deste estudo em linhas gerais é analisar a luz das fotografias coletadas o cotidiano da cidade de Inhambupe revelados na contemporaneidade. Em um contexto mais específico o pesquisador pretende interpretar imagens fotográficas que retratem situações vividas nos lugares e ruas da cidade de Inhambupe que retratem as mutações contemporâneas da cidade. Neste estudo a fotografia é considerada em sua totalidade como um instrumento revelador de informações preservadas através da imagem reproduzível.

METODOLOGIA

A pesquisa, de âmbito qualitativo, vem sendo desenvolvida através de minucioso trabalho de campo que dá base à metodologia voltada ao crítico cultural. Neste sentido, já foi iniciado a coleta de fotografias com quatro moradores, na biblioteca, e na prefeitura da cidade de Inhambupe. Para a análise do objeto de estudo serão seguidos outros procedimentos metodológicos como identificar e classificar um conjunto de imagens reproduzíveis que represente experiências de situações e ações ocorridas nos lugares e ruas da cidade.

As fotografias coletadas mostram experiências ocorridas em ruas e praças da cidade pesquisada em sua multiplicidade. Também serão coletados mapas e documentos relacionados à história da cidade de Inhambupe.

No primeiro momento, o pesquisador fez uma seleção bibliográfica, com abordagens teóricas sobre surrealismo, fotografia e cidade, o que possibilitou o início de seus estudos. O pesquisador entrou em contato com famílias que construíram uma trajetória de vida na cidade de Inhambupe e guardam fotos do cotidiano em lugares diversos. Antes de iniciar propriamente a coleta dos dados era necessário que o representante familiar assinasse um documento para autorização de imagem, uma cópia ficou com a pessoa que forneceu a fotografia e a outra ficou com o pesquisador. Concomitantemente foi feita uma pesquisa na biblioteca da cidade em que buscou informações, que permitam delinear a história da cidade a ser pesquisada. A proposta foi coletar aproximadamente 1.000 (mil) fotos.

No segundo momento, o pesquisador irá identificar na fotografia o que existe de recorrente, em determinados aspectos da vida cotidiana, que seja capaz de impactar o olhar crítico tanto do pesquisador como da sociedade. Na próxima etapa, após esta identificação as fotografias serão selecionadas para a análise e interpretação deste objeto de pesquisa, o estudioso irá recorrer aos conhecimentos apropriados e construídos a partir das contribuições de autores como Benjamin (1955), Breton, (1924), Verger (1990), Drummond (2013) e Fer (1998), entre outros. O resultado alcançado será socializado através da escrita da dissertação.

HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DA FOTOGRAFIA

A inclusão da fotografia como instrumento de pesquisa, em diversas áreas do conhecimento, tem contribuído para revelar singularidades culturais importantes de determinada comunidade ou grupo, antes difícil de ser mostrado somente através da escrita. A fotografia apresenta concepções de mundo, mostra aspectos do real e da vida em sociedade.

Para entender como a fotografia hoje ganhou infinitos adeptos tanto no cotidiano como nas academias, torna-se necessário saber como a fotografia foi sendo construída durante séculos.

A fotografia foi inventada, pelos franceses Joseph Nicéphore Niépce¹ e Louis Jacques Mandé Daguerre². Oficializada em 1839, se destacou a partir da primeira metade do século XX. É considerada na contemporaneidade como um achado importante para os estudos culturais historiográficos, acerca de experiências e situações da vida cotidiana.

¹ O francês Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833) é o autor da imagem fotográfica mais antiga que conhecemos, feita em 1826 ou 1827 sobre uma placa de estanho sensibilizada com sais de prata.

² Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851), foi um pintor, cenógrafo, físico e inventor francês. Divulgou o primeiro processo fotográfico a ser anunciado e comercializado ao grande público em 1839.

A produção da imagem fotográfica se deve às descobertas feitas no campo da química. Para a realização de uma fotografia, era preciso não apenas dominar o processo de transformações físico-químicas, mas também fixá-las em uma superfície.

O surgimento da fotografia é marcado por uma grande diferença em relação aos meios visuais existentes anteriormente como o desenho, a escultura, a pintura e a gravura. O fotógrafo consegue a forma das coisas e pessoas sem precisar fazê-las com as mãos o que acontecia com os artistas, com a imagem fotográfica.

A influência crescente da fotografia na sociedade modifica as ciências humanas, as artes, assim como a literatura. Esta influência se dará seja pela apropriação e divulgação desta nova técnica, sejam pela oposição de alguns artistas e estudiosos da literatura. Ainda que inicialmente não se acreditasse que esta técnica precisava de sensibilidade do artista, aos poucos os críticos de arte e literatura percebe que para captar uma imagem, o fotógrafo precisa conhecer a técnica e ter sensibilidade.

A fotografia, como uma técnica reprodutível, dava continuidade ao que outras artes vinham desenvolvendo, como as xilogravuras e as litografias. Em um dos seus textos Benjamin³ faz uma análise sobre as artes reprodutíveis e escreve que por princípio a obra de arte sempre foi reprodutível. O que os homens tinham feito sempre pôde ser imitado por homens.

A xilogravura é uma técnica de produção artística feita a partir de matrizes de madeira. Nelas a imagem é gravada e reproduzida várias vezes, de forma a compor uma tiragem ou edição. Esta reprodutibilidade técnica passou longo tempo, no decorrer da idade média, até que também a escrita começasse a ser reproduzida e provocasse enormes alterações na literatura.

Com a invenção da litografia, no final do século XVIII, a técnica de reprodução avança, de forma a permitir que as artes gráficas coloquem no mercado produtos não apenas produzidos em massa, como acontecia anteriormente, mas de uma forma diferente a cada tiragem. Neste processo a litografia permitia ao artista gráfico ilustrar o cotidiano. Poucas décadas após o surgimento da litografia, as artes gráficas foram ultrapassadas pela fotografia. O cotidiano passa a ser mostrado com mais detalhes do que visto até o momento.

Os estudos sobre as cidades ganha importância significativa para estudiosos contemporâneos, porque a compreensão e interpretação do cotidiano dependem também da apropriação de ideias que foram sendo construídas a partir das experiências vividas. Torna-se essencial compreender quais

³ A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. Segunda versão do texto, iniciada por Walter Benjamin em 1936. Publicada em 1955.

são os avanços e as limitações do uso da linguagem fotográfica no desvendar dos movimentos das ruas.

Conhecer as cidades sob a perspectiva da linguagem fotográfica continua sendo um desafio na contemporaneidade. Paris foi a primeira cidade fotografada sem cessar por uma legião de fotógrafos vindo de todas as partes do mundo na virada do século, sobretudo os que se engajaram ou foram simpatizantes aos movimentos estéticos das vanguardas (DRUMMOND, 2013, p. 41).

A fotografia, assim como as outras artes visuais já existentes, era utilizada para registros de paisagens, documentos, objetos e pessoas. Logo cai no gosto popular e não demora muito para seduzir os cientistas e pesquisadores. Aos poucos a fotografia começa a ser utilizada no mundo acadêmico como uma técnica que possibilita apresentar concepções de mundo, mostrar aspectos do real e da vida em sociedade.

Inicialmente a maioria dos trabalhos de pesquisa na etnografia, história, arte e linguagem, trazia a fotografia com um papel secundário em suas pesquisas. Entretanto na contemporaneidade a fotografia tem contribuído para revelar singularidades culturais importantes de determinada comunidade ou grupo, antes difícil de ser mostrado somente através da escrita.

A inclusão da fotografia como instrumento de pesquisa nas ciências humanas, mais precisamente na Antropologia acontece a partir dos estudos de Bronislaw Malinowski (1884-1942). Este antropólogo, pioneiro no uso da fotografia em trabalhos etnográfico, mesmo não gostando de fotografar percebeu a contribuição que as imagens dariam para seus estudos, por isso usou de forma crescente a imagem fotográfica ao desenvolver um estudo entre os nativos das ilhas Trobriand. Malinowski passou a conviver com navegadores, artesãos e comerciantes, para estudar a cultura destes nativos. Seu objetivo era observar a cultura do Kula, um sistema comercial praticado entre as tribos, que influenciava a vida no geral das aldeias e das pessoas.

Apesar de utilizar-se de imagens fotográficas em seus estudos, o pesquisador tinha certa inquietude em relação ao uso da fotografia, provavelmente por causa da sua inabilidade como fotógrafo e das técnicas limitadas das câmeras da época, conforme ele mesmo escreve em sua obra “Os Argonautas do Pacífico Ocidental” publicado em 1922: “ontem e hoje tive dificuldades para tirar fotografias; uma falta de jeito é um dos principais obstáculos ao meu trabalho” (MALINOWSKI, 1985, p. 180, *apud* AGUIAR, 2013, p. 2). Esta dificuldade demonstrada por Malinowski se devia ao fato de aparelhos pesados e conhecimento técnico insatisfatório para o manuseio da câmera.

Não foi somente este antropólogo que colocou a fotografia de forma secundária na pesquisa. Na contemporaneidade, poucos são os cientistas que tratam a linguagem fotográfica como

indispensável para a narração de sua pesquisa. Isto se deve a forte tradição da linguagem escrita nas ciências em geral.

Na pesquisa de campo desenvolvida entre 1914 e 1918 sobre o kula, sistema de trocas circular entre nativos das Ilhas Trobriand, Malinowski, abre possibilidades investigativas para se utilizar a fotografia como um potencial narrativo, capaz de expressar aspectos culturais de um povo. Portanto, a etnografia ganha uma nova forma de estudar a cultura do “outro”.

A fotografia se mostra tanto para a etnografia como para a literatura como um método capaz de registrar aspectos da cultura que o texto escrito não é capaz de descrever. Na nossa interpretação Malinowski estava ciente disso, tudo indica que ele sabia que o antropólogo devia observar cada detalhe da cultura estudada, por mais simples que parecesse ser a fim de identificar de forma precisa a lógica da cultura.

A fotografia e a Antropologia⁴ nasceram praticamente quase na mesma época, e tinham o mesmo objetivo, ampliar o universo do discurso humano. Mesmo antes de Malinowski a fotografia já vinha sendo usada como um meio técnico, os fotógrafos já iam a campo para registrar dados, que eram utilizados como fonte de informação.

Um dos precursores do funcionalismo cultural o antropólogo polaco, Bronislaw Malinowski, chegou a conclusão que toda cultura precisa ter uma função, pois cada instituição social tem uma funcionalidade. Para o autor, função é a satisfação de uma necessidade por uma atividade na qual os seres humanos cooperam, usam artefatos e consomem bens. Portanto, era importante registrar as atividades sociais, religiosas e as ações comerciais desenvolvidas entre os nativos. O uso da fotografia em suas pesquisas servia para produzir uma análise concreta da cultura através das instituições e do cotidiano das pessoas.

Compreender a cultura a partir da imagem fotográfica já é realidade em várias ciências. Um pesquisador pode utilizar a fotografia para tornar presente um momento acontecido e mostrar situações ou momentos que foram perdidos do olhar do observador, que pode ser analisada e interpretada posteriormente.

A partir da perspectiva funcionalista, Malinowski nos faz compreender que mesmo o cientista envolvido em uma pesquisa participante é necessário para o aprofundamento nos estudos da cultura, utilizar-se da imagem fotográfica para conhecer cada detalhe da cultura estudada. Hoje os cientistas possuem câmeras fotográficas portáteis sem as limitações técnicas encontradas no início

⁴ A Antropologia é uma ciência social surgida no século XVIII. Porém, foi somente no século XIX que se organizou como disciplina científica. A palavra tem o seguinte significado: antropo=homem e logia=estudo.

do século XX, o que facilita o manuseio desta técnica. No entanto por mais simples que possa parecer é importante a apropriação da metodologia, escolhida pelo observador, de forma correta a fim de aperfeiçoar o trabalho de campo com o intuito de apreender toda a complexidade da cultura.

Claude Lévi-Strauss⁵ (1908-2009), outro estudioso da cultura, entre 1935 e 1939, assim como Malinowski, também utiliza em seu trabalho de campo no Brasil a fotografia. Ele publicou em 1955 em seu livro “Tristes Trópicos”, 64 fotografias dentre as três mil fotografadas. Assim como Malinowski, Lévi-Strauss conforme descrito em seu estudo não se considerava um fotógrafo profissional, apesar de ter mais habilidade com a câmera fotográfica do que seu antecessor. A dificuldade que o autor encontrava na fotografia era a subjetividade que esta trazia, por isso sua recusa em colocar fotografias em todos seus trabalhos científicos.

Este estudioso utiliza a fotografias como um documento que mostra o que não poderia ser visto posteriormente, sem a presença da imagem. Em diversos momentos o cientista Belgo Lévi-Strauss (1957, p.111) utiliza a fotografia para ilustrar o texto escrito, como no caso da figa, um antigo talismã que se tratava de uma figura simbólica do coito. A imagem fotográfica em sua obra só tinha sentido se estivesse associada à narrativa escrita do diário de viagem. Neste contexto constatamos a superioridade que a linguagem escrita possui em relação a linguagem fotográfica na abordagens dos estudos desenvolvidos até a atualidade pelos mais diversos cientistas.

Durante sua pesquisa aqui no Brasil, apesar de Lévi-Strauss (1957, p. 98) considerar a fotografia como um simples documento, que serve para registrar singularidades culturais, ele compreende a fotografia não somente como instrumento de pesquisa, mas também deixa transparecer que a fotografia registra uma memória que pode ser guardada. Esta constatação ocorre a partir de diversos momentos vivenciados por ele, como por exemplo, quando constata o crescimento acelerado de construções na cidade de São Paulo em 1935. Neste momento o autor recorre às fotografias antigas para confrontá-las com os acontecimentos do momento, deixando transparecer a importância da fotografia antiga como a memória de acontecimentos, lugares e culturas.

Acreditamos que neste momento a Antropologia lança os primeiros olhares, através de Lévi-Strauss para compreender as experiências vividas nas ruas de uma cidade que se modernizava como São Paulo.

⁵ Mestre da Antropologia contemporânea, na qual introduziu uma nova metodologia – a análise estrutural – divulgou o livro Tristes Trópicos com 38 ilustrações e um mapa, e, em extratexto, 68 fotografias tiradas pelo autor - 1955.

A Antropologia que anteriormente estudava as sociedades tradicionais, na atualidade, por ser uma ciência dinâmica, ela se propõe a estudar o movimento das pessoas nas cidades, inclusive dos grandes centros urbanos.

Fazendo o caminho inverso, o pesquisador Pierre Verger começa como fotógrafo para depois de anos trabalho ser reconhecidos no meio acadêmico como cientistas. Depois de percorrer a China, as Filipinas, o Laos e o Vietnã como repórter fotográfico, Pierre Verger, chega ao Brasil em 1946 para aqui se especializar no candomblé. Achutti (2004 p.107), explica que somente após Verger acumular entre 1932 e 1962 mais de sessenta e três mil fotografias de trabalho de campo e tornar-se grande conhecedor da cultura afro-brasileira é que defende sua tese e obtém seu título de doutor em Antropologia pela Sorbonne aos sessenta e dois anos de idade.

A produção de Pierre Verger⁶ “Retratos da Bahia”, desvenda as experiências na cidade de Salvador entre as décadas de 1940 e 1950. Neste livro encontram-se várias situações da vida urbana que foram fotografados por Verger desde a sua chegada ao Brasil até a sua morte.

Pierre Verger se encanta com as ruas de Salvador e utiliza-se da fotografia estética para produzir um acervo fotográfico em que documenta uma época da cidade de Salvador.

O cientista social Martins salienta que,

Na estética fotográfica, a fotografia propõe a simplicidade das coisas e pessoas fotografadas, das situações sociais que são objeto do ato fotográfico, como imagens que têm sentido, o sentido do belo, do dramático, do trágico, do poético que efetivamente há no que parece banal, repetitivo e cotidiano (MARTINS, 2013, p. 61).

As fotografias de nos remetem a pensar sobre os cenários cotidianos que são captados por sua câmera fotográfica. As imagens das ruas mostram muitas vezes o contraste entre o crescimento urbano da cidade e a situação vivida por seus habitantes. Ao fotografar as ruas Verger conta com o inusitado, a cenas não são criadas, elas chamam a atenção do fotógrafo que precisa ter a sensibilidade de captar as imagens que mostra uma estética impecável e negue a pobreza visual.

Ao tentar documentar a cidade percebe-se que Verger inclui na composição diversos elementos que um observador não pode passar despercebido, como por exemplo, na fotografia “Festa da Conceição da Praia⁷” em que o fotografo mostra a cidade ocupada por pessoas que tinha

⁶ A produção de Pierre Verger pertence atualmente a uma fundação que leva o seu nome, sediada em Salvador, Bahia.

⁷ Esta fotografia, Festa da Conceição da Praia, Salvador, Brasil, 1946-1948, faz parte do acervo da Fundação Pierre Verger, disponível em: <http://www.pierreverger.org/br/acervo-foto/portfolios/retratos-da-bahia.html>. Acesso em: 30 de mar. de 2015.

objetivos comuns, ou não, inclui ruas e construções para moradias e comércio, igreja e sistemas de iluminação da cidade. Tudo isto é observado dentro do contexto de uma festa religiosa.

Vergier faz da fotografia não só um documento de corpo, mas constrói uma mentalidade de mundo, em que são expostos na imagem fotográfica diversos fenômenos sociais que podem ser analisadas por profissionais de artes, literatura e ciências humanas.

A FOTOGRAFIA DE RUA

A intuição de que na rua acontecem às experiências mais diversas é o que guiou os escritores e fotógrafos de rua. Analisaremos aqui as ideias de alguns destes fotógrafos e escritores que participaram do movimento surrealista.

O surrealismo foi um movimento artístico e literário iniciado em Paris na década de 1920. Este movimento foi fortemente influenciado pelas teorias psicanalíticas de Sigmund Freud (1856-1939), que mostram a importância do inconsciente na criatividade do ser humano. O poeta e crítico André Breton (1896-1966) que foi o principal mentor deste movimento outros representantes também se destacaram, os mais conhecidos foram Antonin Artaud no teatro, Luis Buñuel no cinema e Salvador Dalí no campo das artes plásticas. É importante citar também a contribuição de Eugene Atget na fotografia e Bataille, na literatura, que tornou-se opositor de Breton por causa de algumas divergências nas concepções e abordagens surrealista.

No surrealismo o que era comum podia-se entender como o efeito de desorientar as expectativas habituais. As características deste movimento era a combinação representativa, do abstrato, com o inconsciente, com os sonhos a partir do irreal. Desejava-se libertar-se das normas pré-estabelecidas da lógica e da razão, o que se visava era ir além da consciência do cotidiano.

No surrealismo nunca houve uma unidade de estilo, mesmo entre os pintores eles tinham estilos muito diferentes como acontecia com Joan Miró e Salvador Dalí. A obra "Carnaval de Arlequim", retratada pictoricamente por Joan Miró, aparecem características do surrealismo, mesmo sua obra se diferenciando dos pintores de sua época. O pintor utiliza formas curvas, linhas fluidas, mostra inquietações, difíceis de ser interpretadas e sentimentos de docilidade e ternura acompanhada com a cor azul. Miró recebe também influências de outras tendências como o dadaísmo, fauvismo e o cubismo.

Para analisar a imagem pintada por Miró o observador precisa se analisar de uma forma minuciosa porque suas obras vêm com muitos símbolos, figuras e personagens diversos, provocando confusões naqueles que ainda possuíam um "olhar viciado" (grifo nosso). As pinturas de Miró nos

remetem, na contemporaneidade, a pensar sobre como podemos compreender e analisar as imagens. Quanto mais informação a imagem trás mais complexa fica sua análise, por isto o observador precisa usar a imaginação para entender o que o artista deseja transmitir ou criar sua própria interpretação.

Salvador Dalí, diferente do pintor citado acima, usava a distorção e justaposição de imagens. Entre suas obras, a mais conhecida é “A Persistência da Memória” em que aparecem relógios desenhados de tal forma que parecem estar derretendo. Dalí desafia a compreensão do mundo físico mostrando a decomposição de um objeto que representa o tempo, concomitantemente expressa a continuidade da vida representada pela mosca e pela paisagem natural.

Interpretar as obras de Dalí é também interpretar a história de vida deste pintor, que mostra com a linguagem pictórica uma realidade distorcida e ilógica. A beleza de sua obra está no inesperado, porque foge as expectativas do padrão de perfeição no início do século XX.

No mesmo ano em que se juntou ao movimento surrealista, em 1929, Dalí divulgou “O jogo lúgubre”, uma obra surpreendente e arbitraria, construída com materiais diversos. É uma imagem criada a partir da imagem do inconsciente, em que se encontravam cabeças dilaceradas ou com chapéu, conchas, gafanhotos, pessoas, monumentos que não tinham nenhuma relação entre si. Na obra de arte de autoria de Dali, se tem uma visão na praça de um monumento, em que pessoas frequentam. Outros autores surrealistas também retratam a vida nas ruas das cidades.

No manifesto surrealista de 1924, marco do surrealismo, Breton deixa em aberto o modo como o automatismo psíquico puro propõe que a expressão artística e literária possa ser verbalmente, por escrito, pictórica, fotográfica ou por qualquer outra forma de linguagem.

Paris é a primeira cidade a ser mais fotografada no séc. XIX. É lá que a fotografia toma os espaços da rua e se espalha pelo mundo. Breton o mentor do surrealismo é um poeta e crítico que se interessou pelo movimento das ruas. Em sua obra literária mais conhecida, “Nadja” (1928), André Breton descreve claramente as ruas por onde ele havia passado com Nadja, sua companheira de passeios pelas ruas particulares, bairros e marcos da cidade de Paris. Para tornar a fantasia do romance o mais real possível “o fotógrafo surrealista Jacques-André Boiffard foi contratado para fotografar alguns destes lugares, e suas fotos deliberadamente não memoráveis, discretas são espalhadas pelo texto” (FER, 1998, p.183).

Breton transforma Paris em outra cidade dos sonhos, procura na cidade o que é rejeitado pela sociedade, como a pobreza e a miséria. Ele divide Paris em duas cidades, a cidade burguesa e a escória da cidade, desafiando a lógica burguesa imposta no início do séc. XX. Este surrealista divulga

lugares, vielas, ruas ou monumentos, que já estão em decadência, quase desaparecendo, seja através do texto literário ou da fotografia.

Breton utiliza a fotografia e as imagens em geral como recursos literários, em alguns momentos servem como ilustração para reforçar o texto e em outros tem um cunho crítico porque estimula o leitor a interpretar e dar significado a imagem, como por exemplo, as luvas de Nadja, que nos remete a pensar sobre o significado íntimo que esta imagem nos proporciona. Fer (1998) resalta que para Breton, a intimidade é sempre mediada pelo deslocamento dos objetos de desejo – sejam eles as luvas de Nadja, suas roupas ou a própria cidade – nos quais ele centra sua atenção (p. 183).

Ao relatar no romance as experiências vividas na rua com sua musa, o crítico literário nos fortalece a concepção de que estes encontros são também encontros com a própria cidade. É o encontro com a parte escondida da cidade que os burgueses não queriam mostrar ao mundo. Os surrealistas tornam visível esta parte da cidade através das diversas linguagens artísticas, literárias ou fotográficas.

Os fotógrafos do séc. XX sofreram grandes influências do surrealismo, entre estes está Eugene Atget (1857-1927). Ele fotografou inúmeras vitrines as quais lançou algumas de suas fotografias na revista “*La Révolution Surréaliste*” em 1926. A seu pedido o nome do autor das fotografias não foi divulgado, acredita-se que ele não queria ver seu nome associado ao grupo surrealista.

A fotografia de Atget (1912)⁸, que mostra uma sequência de manequins com espartilhos em uma vitrine no Boulevard de Strasbourg, atrai o interesse dos surrealistas, principalmente Breton que faz referência aos manequins, quando escreve no primeiro manifesto surrealistas que “o maravilhoso não é o mesmo em cada época da história; ele participa de algum modo, de uma espécie de revelação geral, da qual apenas fragmentos chegam até nós: são as ruínas românticas, o manequim moderno”, símbolos que provocam um sorriso mas que também retratam “a incurável inquietação humana”. (BRETON, 1926, p. 16, apud FER, 1998, p. 191).

Breton nos faz pensar que o manequim é a expressão do maravilhoso, seguindo a linha de pensamento do surrealismo que retratam a mulher como um objeto de desejo ou de sadismo. A comparação do manequim com a imagem da mulher dava a entender que os objetos da vitrine serviam como influência para interpretar a vida na cidade, era importante acompanhar a decadência da tradição para se compreender a formação da cidade moderna.

⁸ Imagem disponível em: <http://www.portalraj.com.br/as-transformacoes-da-paris-do-seculo-19/>. Acesso em 03 de abr. de 2015.

Segundo Fer (1998, p. 191), a imagem provoca um estranhamento por mostrar compulsivamente a objetos que se assemelham a mulher, nas esquinas fora de moda e perdidas da cidade.

Atget foi um dos poucos fotógrafos até o início do séc. XXI a conseguir transcender duas abordagens, quando pôs-se a tarefa de compreender e interpretar a realidade a partir da imagem fotográfica. Seu trabalho continua a influenciar a fotografia contemporânea tal foi a sua importância na produção de imagens, em que ele soube explorar as cenas urbanas de Paris de forma não traumática. Os surrealistas acreditavam que a cidade de Paris era uma cidade mágica onde tudo pode se ver, dizer e acontecer.

CONSIDERAÇÕES

Este estudo fotográfico é considerado em sua totalidade como um instrumento revelador de informações preservadas através da imagem reproduzível. Espera-se que os acontecimentos marcantes identificados nos registros fotográficos sejam material relevante para o desenvolvimento da pesquisa. Pretende-se com base nos resultados apresentados, contribuir para a leitura crítica de das experiências cotidianas da cidade de Inhambupe.

A invenção da fotografia por volta de 1839 é considerada, na contemporaneidade, como um achado importante para os estudos culturais, historiográficos e literários, acerca das experiências do cotidiano.

Alguns teóricos utilizam a fotografia para mostrar o cotidiano de um povo, seja através da estética como as fotografias de Pierre Verger que nos trouxe grandes contribuições no momento em que divulga seus estudos no campo da Antropologia e fornece seu acervo de fotografias que retratam as cidades para ser analisadas e interpretadas, seja através da pesquisa participativa desenvolvida por Malinowski em que este estudioso contribuiu com os antropólogos contemporâneos a partir do momento em destacou sua metodologia de trabalho utilizando-se da imagem fotográfica.

Vários estudos contemporâneos que investigam as situações das cidades, são influenciados com as experiências de pintores, fotógrafos e escritores surrealistas, principalmente seu líder André Breton, que produziu literatura sobre a cidade de Paris.

Os preciosos materiais de informação e análise dos pesquisadores citados anteriormente nos permite compreender como as iniciativas relacionadas ao uso da fotografia, em suas pesquisas de campo, facilita o entendimento de como na atualidade a fotografia pode ser utilizada para a análise e

compreensão das situações e experiências vividas nos lugares, vielas e ruas da cidade. A fotografia nos traz uma infinidade de informações e propõe um olhar diferente para cada imagem.

REFERÊNCIA

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim*. Porto Alegre: UFRGS/Tomo Editorial, 2004.

AGIER, Michel. *Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos*. Trad. Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

ATGET PHOTOGRAPHY. *Fotografia Atget*. Disponível em: <<http://www.atgetphotography.com/The-Photographers/Eugene-Atget.html>>. Acesso em 28 de mar. de 2015.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*. Segunda versão do texto, iniciada por Walter Benjamin em 1936. Publicada em 1955.

BRETON, André. *Manifesto do Surrealismo*. <<http://www.culturabrasil.org/zip/breton.pdf>>. Acesso em 28 de mar. de 2015.

CIDADES DO MEU BRASIL: Inhambupe - Bahia. Disponível em: <<http://www.cidadesdomeubrasil.com.br/ba/inhambupe>>. Acesso em 28 de jul. de 2013.

FER, Briony. Surrealismo, mito e psicanálise. In: BATCHELOR, David; WOOD, Paul. *Realismo, racionalismo, surrealismo: a arte no entre-guerras*. Trad. Cristina Fino. São Paulo: Cosac & Naify, 1998. p. 170-249.

DRUMMOND, Washington Luis Lima. *Pierre Verger: Retratos da Bahia e Centro Histórico de Salvador (1946 a 1952) – uma cidade surrealista nos trópicos*. 2009. 160f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2009.

DRUMMOND, Washington; SAMPAIO, Alan. *A cidade e seu duplo*. Salvador: Eduneb, 2013.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes Trópicos*. Trad. Wilsom Martins. São Paulo: Anhembi, 1957.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Uma teoria científica da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p. 52-75.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. Disponível em: <<https://extensaoantropologia.files.wordpress.com/2013/02/malinowski-argonautas-introducao-objeto-metodo-e-alcance-desta-investigacao.pdf>>. Acesso em 28 de mar. de 2015.

